

disciplinares (informalmente controlada) y comunitarias (formalmente controlada).

El libro se cierra con la bibliografía (pp. 253-271), un índice de autores (pp. 273-276), otro de citas (pp. 277-286) y el índice general (pp. 287-288).

En conclusión, este volumen representa una brillante contribución a uno de los campos de estudio más interesantes en la actualidad, la búsqueda del Jesús histórico. Con la certera aplicación de la más reciente y rigurosa metodología, junto a una precisa redacción, que refuerza sus argumentaciones, el autor nos ofrece sugerentes planteamientos y nuevas perspectivas para la investigación neotestamentaria.

ENRIQUE BENÍTEZ RODRÍGUEZ  
Universidad de Córdoba

HAINTHALER, Theresia, *Christliche Araber vor dem Islam: Verbreitung und konfessionelle Zugehörigkeit – Eine Hinführung*, «Eastern Christian Studies» 7 (Leuven, Paris, Dudley MA: Peeters, 2007), 188 pp. ISBN: 978-90-429-1917-4

A presente monografia vem sintetizar e actualizar obras clássicas conhecidas, como as de J.S. TRIMINGHAM ou de I. SHAHID, assim como monografias e estudos sectoriais anteriores e posteriores. Fá-lo em consonância com a erudição e sistematização da escola alemã, com um enfoque particular, aqui, na divisão confessional relacionada com a questão cristológica. De facto, ela surgiu na senda duma investigação de cristologia histórica de longo alcance, iniciada há anos pelo teólogo Aloys GRILLMEIER<sup>a</sup>, *Jesus der Christus im Glauben der Kirche* (1970 segs.), e na qual a irmã Theresia contribuía com alguns capítulos. Foi até incumbida de editar o vol. III/2 póstumo, sobre as polémicas no âmbito das Igrejas de Jerusalém e de Antioquia entre 451 e 600 (Freiburg i.B., 2002), e de assegurar novas edições de alguns dos volumes anteriores. A obra, pois, teve bastante sucesso e fora traduzida em várias línguas.

Depois das questões genéricas e preliminares que introduzem o leitor na dupla vertente da obra (cap. 1: *Prolegomena*, pp. 5-33), esta divide-se em mais cinco capítulos distribuídos geograficamente: Palestina; área de influência do patriarcado de Antioquia; Império persa; Arábia do Sul; Arábia central incluindo Meca. Depois

---

<sup>a</sup> Entre 1910 e 1998, nomeado cardinal em 1994.

da conclusão (pp. 143-148) e da longa bibliografia (pp. 149-171), seguem os índices finais.

No capítulo sobre a Palestina, que abrange também a região sinaítica (pp. 35-47), a Autora apresenta e discute as cinco narrativas ou lendas que se costumam associar, desde a Antiguidade, à cristianização de algumas das tribos árabes assentadas nessa área. Três delas se relacionam com monges (!): Hilário de Gaza (c. 291-317), que estaria na origem da primeira comunidade étnica árabe da zona; Moisés, consagrado Bispo por imposição de Mavia, a lendária “princesa dos sarracenos” aliada do Imperador Valente (364-378) na sua luta contra os Godos; Eutímio, que acolhe e estrutura, numa filarquia dita *Parembole*, constituída por “aldeias de tendas” e não muito de longe de Jerusalém, o grupo de persas exilados com o sátrapa Aspebeto, tornado Bispo com o nome de Pedro (c. 430). Os dois últimos episódios prendem-se, por um lado, com o filarca Amorceso e o bispado da ilha de *Iotabe* no Golfo do Sinai (meados do séc. V) e, por outro lado, com os Mártires do Sinai e a comunidade cristã da filarquia de *Pharan* (início do séc. V).

No resumo que encerra o capítulo, a Autora realça que todas essas comunidades dependem do patriarcado de Jerusalém, que chega a ter um patriarca árabe na insigne pessoa de Elias (494-516). Elas assumem em geral as posições doutrinárias dessa autoridade, a saber: o anti-arianismo e o pró-calcedonismo. Nós acrescentaríamos a isso o carácter não urbano da maioria dessas populações, em consonância com os seus traços étnicos e económicos – e até guerreiros. Sabendo, por outro lado, que foram os “melkitas” dessa área os primeiros cristãos a traduzir e a escrever em árabe, interrogamo-nos sobre o papel delas neste processo.

O capítulo relativo ao cristianismo árabe sob a jurisdição ou a influência de Antioquia (pp. 49-80), articula-se com a repartição das respectivas populações entre árabes com cidadania romana, isto é, assentados em núcleos urbanos ou rurais, e árabes nómadas – diremos: “beduínos”. Encontramos os primeiros na província romana dita *Arabia*, com uma pequena parte na de *Phoenicia II*. Vivem, pois, misturados com gente grega e siro-aramáica. Lembre-se que a primeira província foi a sucedânea do Reino dos Nabatéus, conquistado em 106 da era cristã. Bostra substituiu Petra como capital e se tornou rapidamente uma metrópole cristã. É dela que vem o imperador árabe Filipe (244-249), não se sabendo ao certo se era mesmo cristão (sem deixar obviamente de respeitar as tradições romanas à volta do Imperator/Pontifex...). A região foi sempre a terra dos hereges de todo o tipo: desde os primeiros gnósticos até às seitas judeo-cristãs, com especial relevo

para os *Elkesaitas*, Ebionitas e Nazarenos (!). Dizia-se: *Arabia haeresium ferax*, e o *Panarion* de Epifânio de Salamina (séc. IV) contabiliza nela cerca de oitenta heresias diferentes! Contudo, um século mais tarde, a hierarquia é geralmente pró-calcedónia, chegando a participarem, no respectivo Concílio (451), até vinte bispos oriundos dessa província! Já o número significativo de inscrições árabes cristãs encontradas na zona – umas das primeiras, senão mesmo as primeiras nesta língua (!) – apontava para uma ampla difusão ali do cristianismo.

Quanto aos beduínos, tal como no caso dos da Palestina, a presença de eremitas ou até de mosteiros nos desertos por onde deambulavam teve um grande impacto na sua passagem à fé cristã. Destacaram-se nessa gesta, na transição do século IV para o V, Simeão-o-Velho e Simeão-o-Estilita (antigo pastor...). E o centro monástico de Teleda (*Tell 'Ada*), donde veio o próprio Estilita, teve um papel predominante na história do monaquismo de língua síriaca do século IV adiante. Frise-se a este propósito que a primeira inscrição em língua árabe que conhecemos provem de Namāra, na região a leste de Bostra habitada por essas populações. Se o teor desta famosa inscrição funerária real realça de facto uma relação de vassalagem ou aliança com os Romanos, não se pode inferir – na opinião de HAINTHALER – que Imru'ulqays era um rei cristão, até por existirem contradições nas fontes históricas árabes (contudo tardias, objectaríamos nós...) referentes a essa figura.

Depois de falar de filarcas oriundos da tribo dos Kinda, com a, por sua vez ambivalente, inscrição cristã da princesa Hind, a Autora passa a relatar a história dos bem conhecidos Ghassânidas. Estes surgem apenas no século VI com a figura de Ḥārith (*Arethas*) ibn Jabala, o chefe supremo dos filarcas romano-árabes que reinou uns quarenta anos (m. 569/570). Ao mesmo tempo que os respectivos dinastas lutavam, por conta dos Bizantinos, contra os persas e seus aliados cristãos lakhmídas (v. *infra*), eles defendiam e apoiavam os bispos e monges anti-calcedónios, com especial destaque para o célebre Jacob Baradaï, o protagonista – lembremos – da implantação de hierarquias eclesiásticas “míafisitas” paralelas que acabou por ser o epónimo dos respectivos fiéis – os *jacobitas* –, inclusive dos coptas do Egipto, até à idade moderna.

O capítulo seguinte, o quarto, apresenta os árabes cristãos no Império persasassânida (pp. 81-110). Aqui também a matéria se divide em duas partes, correspondendo às duas confissões que se impuseram neste espaço complexo: os “nestorianos” ou siro-orientais e os “jacobitas” ou siro-ocidentais. Os primeiros

tinham uma certa supremacia, no tempo e na importância, até por razões de demarcação política em relação a Bizâncio ainda antes da crise miáfisita. Não é de estranhar, pois, que sob a dinastia dos Lakhmidas – que chegou a liderar, a partir do século VI e com base na celebrada cidade de Ḥīra, a confederação tribal dos Tanūkh – se tenha erguido a bandeira do nestorianismo. Mas foi o caso também do cristianismo disperso pelo Golfo árabo-persa, incluindo o arquipélago de Bahrein (*Māshmāhīg*), donde vieram precisamente os Tanūkh, já no século III, fundando Ḥīra.

HAINTHALER relata a implantação e expansão do cristianismo na região à volta desta celebrada cidade, baseando-se predominantemente nas sólidas investigações de G. ROTHSTEIN e de J.M. FIEY. Fala também do poeta cristão ‘Adī ibn Zayd al-‘Ibādī, o grande interlocutor do xá persa e cuja vida e morte estiveram intimamente ligadas à dinastia lakhmida na segunda metade do século VI – dinastia esta que praticamente acaba pouco tempo depois do seu assassinio pelo derradeiro rei Nu‘mān III (580-602).

Depois de se discutir os testemunhos do cristianismo no Golfo, já no princípio do século V, passa-se à segunda parte relativa aos grupos dispersos de jacobitas ou anti-calcedónios. Como se disse, eles surgem tardiamente por acção de algumas personalidades conotadas com o severianismo, como Simeão de Bēth Arshām e Akhūdhemmeh. A situação periférica do cristianismo nessa zona terá, pois, ajudado a essa infiltração, vinda das partes ocidentais, originando contudo uma divisão interna das comunidades beduínas, que contribuíra, porventura, a um enfraquecimento da frente cristã perante a expansão da nova “religião” de Meca/Medina à partir de meados do século VII.

O capítulo quinto (pp. 111-136) trata do cristianismo na Arábia do Sul, a *Arabia felix* (também dita *magna*). HAINTHALER confessa, logo de início, que o assunto exigiria um estudo mais aprofundado que não estava ao seu alcance. De facto, as novas descobertas arqueológicas e epigráficas (para não falar das linguísticas...) trouxeram novidades que não foram ainda consequentemente amadurecidas e sintetizadas. Mesmo a investigação do saudoso R. Tardy, *Najrān* (Beirute, 1999) – apresentada no 1º volume da nossa revista (2004, pp. 428-431) – averigua-se incompleta e algo ultrapassada.

A pretensa evangelização da “Índia” por Panteno – o primeiro chefe da escola catequética de Alexandria (c. de 177) e mestre aí do célebre Clemente – não diria respeito à Arábia do Sul, como se pensou durante bastante tempo, mas si ao Sub-

continente índico mesmo. Temos também que a muito falada Missão de Teófilo a Hímiar (narrativa de Filostórgio), enviada pelo imperador Constâncio II poucos anos depois da sua subida ao trono em 337, apenas proporcionou a construção de três igrejas ou basílicas na região, mas não a conversão do soberano himiarita e a difusão do cristianismo entre as populações autóctones, como se chegou a dizer. A dita missão visava afinal objectivos mercantis, com o estabelecimento de negociantes gregos ou “bizantinos” para aceder às riquezas do comércio com a Índia. E os recentes achados epigráficos vêm confirmar indirectamente essa verdade: relacionam-se quase todos a gente etíope ou a sularábicos sob a sua protecção.

Só em Najrān é que o cristianismo se encontra bem documentado. A autora apresenta o respectivo dossier com base na investigação de Tardy (*v. supra*) e de outros investigadores anteriores ou posteriores. Atente-se à nova publicação do *Martyrium Arethae* ocorrida no mesmo ano que viu a saída do prelo do livro de HAINTHALER.<sup>b</sup> Este acontecimento, que sacudiu toda a cristandade de meados do século VI e do qual encontramos ecos até no Corão e na historiografia muçulmana do século IX (Ṭabarī...), permanece contudo – no dizer da HAINTHALER – uma questão ainda “espinhosa”. Do ponto de vista estrito da cristologia, as estreitas ligações com a Etiópia, apontam para um anti-calcedonismo. Contudo, a singela e célebre profissão de fé das mulheres najranenses desafiadas pelos perseguidores judeus, transcende admiravelmente as divergências que dividiram os cristãos de então!

Com o rei cristão Abraha, falecido pouco antes do nascimento do “profeta árabe” Muhammad (c. 570)..., o cristianismo floresce no Iémen! Em Saná, a igreja matriz conhecida por “al-Qalīs” atrai as tribos árabes fazendo sombra à Kaaba de Meca como lugar de peregrinação. A sua profanação por tropas vindas daí terá sido a causa imediata da famosa Batalha do Elefante (*Waq‘at al-fīl*), datada do princípio dos anos 60 do século VI. Já o restauro da célebre presa de Ma‘rib, em 543, dera azo à vinda de delegações das metrópoles imperiais: etíope, bizantina e persa, a par duma grande concentração de tribos e confederações tribais...

Abraha conseguira manter relações de geometria variável com a Etiópia e Bizâncio, pelo que é provável ter existido uma hierarquia paralela, pró e anti-

---

<sup>b</sup> M. DETORAKI & J. BEAUCAMP, *Le Martyre de S. Aréthas et de ses Compagnons (BHG 166)*, éd. crit., trad., étude et annotations. Paris: Collège de France & CNRS, Centre de Recherche, d’Histoire et de Civilisation Byzantine, 2007 (Monographie, 27).

calcedónia. Mas há também indícios da infiltração de “julianitas”, e a presença de nestorianos se alargou na senda das pressões persas que culminaram com a ocupação militar precisamente pouco depois do desaparecimento de Abraha. Mais a sudeste, na ilha de Socotorá sita na entrada do Golfo pérsico, os nestorianos estão melhor representados, mantendo-se aí – há que o frisar – até ao século XVII, e mesmo XIX, de acordo com o testemunho das fontes portuguesas e europeias.<sup>c</sup>

Chegámos ao último e sexto capítulo referente à Meca e à Arábia central – o mais reduzido devido à escassez da informação disponível (pp. 137-142). Para o lugar de nascimento do novo profeta árabe, a antiga investigação de H. LAMMENS (1918 e 1928) continua válida e quase única.<sup>d</sup> A largos traços: não há uma comunidade cristã indígena estruturada, apenas gente cristã vinda dos diferentes horizontes com os quais os habitantes locais negociavam: escravos, aventureiros, mercadores etc., mais alguns autóctones coraixitas dispersos. Em sentido contrário, os caravaneiros de Meca contactavam regularmente com as localidades cristianizadas que eram Bostra e o Hauran. Quanto ao alegado cristianismo de algumas tribos da Arábia setentrional e central, entre elas os Banū Kinda (ver cap. 3), ele não parece seguro; de qualquer modo, nada de substancial.

Na conclusão (pp. 143-148), HAINTHALER alerta-nos que o seu estudo não passa duma primeira aproximação (*Hinführung*) a um tema que carece ainda duma investigação mais sistemática e aprofundada: análise circunstanciada de todas as fontes gregas e árabes, revisão de conjunto da epigrafia árabe primitiva e das origens da escrita respectiva, pesquisa arqueológica mais intensa com livre acesso aos achados, etc. Aspectos que, verdade seja dita, dizem respeito à toda a realidade histórica dos Árabes antes do aparecimento do islão... A autora evoca ainda uma série de questões ainda por clarificar, como seja o grau de cristianização real das tribos árabes, a difusão entre eles do grego e do siríaco assim como do etíope, as traduções bíblicas pré-islâmicas ou ainda o conteúdo da (escassa!) produção poética de inspiração cristã... De qualquer modo, sobressai indiscutivelmente a

---

<sup>c</sup> Z. BIEDERMANN, “*Nas pegadas do Apostolo : Socotorá nas fontes europeias dos séculos XVI e XVII*”, *Anais de História de Além-Mar*, 1 (2000), 287-386; *Soqatra: Geschichte einer christlichen Insel im Indischen Ozean vom Altertum bis zur frühen Neuzeit*. Wiesbaden: O. Harrassowitz, 2007 (Maritime Asia).

<sup>d</sup> Hainthaler baseia-se também no longo artigo de R. AIGRAIN sobre a Arábia no vol. 3 do *DHGE* (1924). Mas como o autor já se baseia, para a questão em apreço, sobre a pesquisa de LAMMENS e não é arabista, a autoridade dele fica algo reduzida!

importância do eremitismo e do monaquismo, os quais encontraram no *habitat* árabe um ambiente favorável.

Inútil de frisar, para concluir, a excelência da investigação da irmã Theresia, que junta o conhecimento aprofundado da história cristã ao saber arabista e orientalista próprio da escola alemã.

Na hora das dificuldades que cerceiam os cristãos do Médio Oriente, agradece-se a publicação duma obra histórica deste tipo, susceptível de relançar sobre bases sólidas o debate sobre a arabidade e o cristianismo.<sup>e</sup>

ADEL SIDARUS

Instituto de Estudos Orientais, Lisboa

ĪLIYYĀ AL-ṬĀNĪ († 1131), *Kitāb uṣūl al-dīn*, introducción, estudio y edición de Gianmaria Gianazza, sdb, «al-Turāṭ al-‘Arabī al-Masīhī» 17-18, 2 vols. (Beirut: CEDRAC, USJ, 2005), 571 [+ 29 pp. en francés]; carece de ISBN.

En el patriarca nestoriano Elías I († 1131) convergen todas las posibilidades de ser el autor del *Kitāb uṣūl al-dīn* o ‘Libro de los fundamentos de la religión’, a tenor de la deducción que ofrece el P. Gianazza en sus paginas preliminares.

El *Kitāb uṣūl al-dīn* es una obra en la que su autor ha compilado cuanto éste estima que resulta esencial al cristianismo: vgr. la unidad y la trinidad de Dios y la encarnación de Jesús, dogmas a los que sigue una breve vida del Mesías, el carácter verídico de la religión cristiana, los elementos rituales más importantes del cristianismo como la oración, el ayuno o la limosna, para concluir con un pequeño tratado sobre la resurrección y el juicio final.

La estructura del libro ha sido concebida de acuerdo con dos formatos escriturísticos que en el caso presente resultan complementarios: a) el apologético, por medio del procedimiento argumentativo utilizado por el autor, tanto contra los judíos como contra los musulmanes o los grupos heréticos; b) la presentación de las verdades del cristianismo recurriendo a un procedimiento expositivo clarificador de corte explicativo en el que recurre a los milagros como elemento probatorio de veracidad, el empleo de una terminología perfectamente meditada para captar la esencia de los conceptos utilizados.

---

<sup>e</sup> Sintomática é a recente reedição pela editora Le Cerf (Paris, 2007) da antiga obra de J. CORBIN, *L’Église des Arabes* (Paris, 1977).